**SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**Universidade de Aveiro, 23-25 de setembro de 2020**

***Psicologia da Educação: passado, presente e futuro***

**José Tavares**

**Universidade de Aveiro**

**Notas introdutórias**

Nesta conferência, colocar-me-ei num registo bastante livre e distanciado que a minha situação de professor catedrático jubilado me permite e aconselha. Não irei, portanto, apresentar um relatório de um trabalho científico com base numa investigação específica sobre o passado, o presente e o futuro da Psicologia da Educação, mas apenas alinhar algumas ideias que foram ficando sobre a temática ao longo de todos estes anos de docência e investigação. Assim, em jeito de contextualização, começarei por lembrar alguns dos meus “heróis”, uns mais antigos e outros contemporâneos. A seguir, darei nota sobre o que foi a minha atividade docente na Universidade de Aveiro durante mais de 30 anos na especialidade da Psicologia da Educação e da Psicologia em geral e enunciarei algumas conclusões a que fui chegando. Deixarei, por último, as questões mais relevantes que me coloquei ao longo desse trajeto e ainda hoje continuo a colocar-me.

Como julgo ser do conhecimento de toda a audiência, a noção, as incidências e os sentidos da Psicologia da Educação na formação de professores, de formadores de formadores e de outros profissionais, sobretudo, da área das ciências humanas e sociais, são bastante abrangentes e polissémicos. Assim, antes de me debruçar sobre essa problemática e a título de curiosidade, lembrarei alguns dos heróis que me acompanharam ao longo de uma boa parte do meu trajeto como aluno, professor e investigador. Uns foram objeto de investigação para licenciatura e doutoramento (Emmanuel Levinas e Jacques Lacan), outros meus orientadores de Licenciatura e doutoramento (Jacques Taminiaux e Jacques Schotte), outros foram também meus professores (Jean Ladrière, Taminiaux e Schotte). Mas a grande maioria marcou-me, sobretudo, em encontros pessoais e pelo interesse que me provocaram no confronto de ideias. Examinarei depois muito sucintamente a noção, campos de incidência e sentidos da Psicologia da Educação e deter-me-ei um pouco mais, sobre o passado, o presente e futuro da Psicologia da Educação como uma especialidade de grande relevo e abrangência no âmbito da ciência psicológica. A concluir, apresentarei algumas conclusões mais relevantes que poderão abrir janelas para o futuro da Psicologia da Educação. Por último, enunciarei questões que se me colocaram nesse âmbito e ainda persistem.

1. **Alguns dos heróis que me acompanharam ao longo de uma boa parte do meu trajeto como aluno, professor e investigador**

Acho que fui levado aos ombros por muitos outros autores com que me deparei ao longo do meu caminho que me ajudaram a assimilar todo um património da história das ideias, nem sempre convergentes com os modos de pensar e as práticas aceites pela comunidade científica e conformes com a minha forma de ver o mundo. Reconheço, no entanto, que alguns deles tiveram um maior impacto nesse meu trajeto. Uns, conheci-os pessoalmente, outros apenas através dos seus escritos. A todos me sinto muito reconhecido porque me ajudaram a pensar e a agir para tentar explicar e compreender melhor a realidade, designadamente, aquela que constitui o objeto da Psicologia e da Psicologia da Educação, ou seja, os fenómenos psíquicos ou do comportamento em contexto educativo, de formação.

De entre aqueles que mais me influenciaram, distinguiria um primeiro grupo que conheci apenas pela sua obra e pela leitura de outros autores, a saber: Sócrates 469 – 399; Platão 428 – 348; Santo Agostinho 354 – 430; René Descartes 1596 – 1650; Emmanuel Kant 1724 – 1804; G, W. F. Hegel 1770 – 1831; Edmund Husserl 1859 – 1938; Maurice Merleau-Ponty 1908 – 1961; Martin Heidegger 1889 – 1976; Leopold Zsondi 1893 – 1986; Sigmund Freud (1856 – 1939); Carl Gustav Jung 1875 -1961; Lev Vygotsky (1896 – 1934); John Dewey 1859 – 1952; Henry Walon 1879 – 1962; John Bouwlby (1907 1990); Carl Rogers (1902 – 1987); Urie Bronfenbrenner (1917 – 2005); Max Van Man (1942 - ...). Num segundo grupo, incluiria aqueles que conheci pessoalmente como professores, orientadores de tese e autores estudados diretamente na dissertação de doutoramento bem como professores e colegas de ofício que fui encontrando em diferentes contextos académicos: Paul Ricoeur (1913 – 2005); Jaques Derrida (1930 – 2007); Jean Ladrière (1921 – 2007); Thomas Kuhn (1922 – 1996); Jacques Lacan (1901 – 1981); Emmanuel Levinas (1995 -1995); Jacques Taminiaux (1928 - 2019); Jacques Schotte (1928 -2007); Jean Piaget 1896 – 1980); Jerome Bruner (1915 -2016); Lawrence Kohlberg (1927 – 1987); Lee Schulman (1938 - ... ); Lawrence Steinberg (1952 - ...); Daniel Goleman (1946 - ...); Roberto Lira Miranda (...); Basarab Nicolescu (1942 - ...) As fotos disponibilizadas e dispostas cronologicamente em <https://www.jpctavares.com/>pretendem dar apenas uma ideia do momento aproximado em que com eles me encontrei ou interagi.

1. **Noção, campos de incidência e sentidos da Psicologia da Educação**

Embora se sobreponham de alguma forma ou confundam algumas designações como: Psicologia da Educação, Psicologia para a Educação, Psicologia Educacional, Psicologia da Criança, Psicologia do Adolescente, Psicologia do Adulto, Psicologia Escolar, na realidade, trata-se de noções distintas. Contudo, Psicologia da Educação, Psicologia para a Educação ou Educacional são praticamente sinónimas. Psicologia Escolar, aos meus olhos, é um pouco mais restrita incidindo diretamente sobre a instituição escolar, básica, secundária ou superior. Psicologia da Criança, do Adolescente e do Adulto são mais específicas e focadas em determinadas fases etárias do desenvolvimento humano. Neste texto, tomarei como mais adequada ao nosso propósito a designação de Psicologia da Educação que, de alguma forma, está subjacente a todas as outras.

Psicologia da Educação é um campo conceptual que integra dois grandes domínios das ciências sociais: Psicologia e Educação, Ciências da Educação. Psicologia ou Ciência Psicológica tem como objeto de estudo, de investigação e de docência/intervenção os fenómenos psíquicos na sua dimensão cognitiva, afetiva e volitiva ou decisória que atravessam o comportamento animal, inteligente e consciente, normal e patológico, nos diferentes níveis de desenvolvimento e respectivas modalidades de ação e reação do ser humano. Educação, Ciência Educacional ou Ciências da Educação incidem sobre os processos e as temáticas da ação educativa: a história, os sujeitos docentes e aprendentes, os curricula, os conteúdos de formação e aprendizagem, os métodos, as estratégias e os contextos de aprender, desaprender e reaprender na escola e à distância, no trabalho, na rua, em casa, no lazer, na vida.

Jogando com os dois campos conceptuais, Psicologia da Educação poderia ser descrita como uma área muito abrangente da Psicologia que tem como objeto os fenómenos psíquicos que ajudam a explicar e a compreender a ação e a relação educativas de formar e educar os cidadãos do ponto de vista do seu desenvolvimento humano, cultural e profissional em situação ou em contexto mais ou menos alargado. Dada a amplitude do seu objeto, a Psicologia da Educação lança mão de outras áreas da Ciência Psicológica como a Psicologia Clínica, a Psicologia Cognitiva/Ciência Cognitiva, a Psicologia Social, a Psicologia Animal, a Psicologia Comparada, a Psicanálise, as Neurociências, etc., mas centra-se, sobretudo, na investigação e no estudo dos processos de desenvolvimento, de aprendizagem e nos comportamentos do sujeito aprendente nas diferentes etapas da vida não apenas em situação escolar mas também nos mais diversos contextos ambientais, psicológicos e socioculturais.

 Nesta perspectiva, Psicologia da Educação, não poderá reduzir-se a uma Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem mais ou menos aplicada às diferentes etapas educativas do ser humano. Diria que Psicologia da Educação tem um sentido mais abstrato e fundamental que incide sobre a investigação das causas dos processos de desenvolvimento, da aprendizagem, desaprendizagem e reaprendizagem que intervêm na formação e educação do cidadão. Um dos psicólogos que chamou particularmente a atenção para esta forma de conceber e entender a Psicologia da Educação que recordo com saudade como colega e amigo, que nos deixou, em 2007, mas continua muito presente no meu espírito, foi Joaquim Bairrão Ruivo a quem aqui gostaria de deixar uma menção muito especial (Bairrão Ruivo: 1985). Bairrão Ruivo, como docente e investigador, foi um dos grandes obreiros e investigadores mais entusiastas pelo desenvolvimento desta área da Psicologia, embora sob a influência do seu mestre e orientador de tese de doutoramento René Zazzo, se tenha centrado na Psicologia da Criança. Mas para ele a Psicologia da Educação estava subjacente a todas estas abordagens e lhes dava coerência e sentido. É essa também a perspectiva em que me coloco e defendo, por me parecer aquela que melhor traduz a realidade que se pretende explicar e compreender.

1. **O passado, o presente e o futuro da Psicologia da Educação**

Penso que no passado e, de certa forma, também no presente, a Psicologia da Educação tratou quase exclusivamente de temáticas do âmbito da Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e da Psicologia da Criança e do Adolescente, em especial. Basta olhar para os programas destas disciplinas de diferentes instituições do ensino superior e principais publicações nessa área relativas à formação psicológica de professores, de formadores de formadores e outros profissionais da educação dos últimos 50 ou 60 anos para verificar essa tendência. A ideia que fica é de que houve, talvez, uma excessiva repetição das ideias e ensinamentos, sem grande inovação, dos autores que marcaram este tempo como Sigmund Freud, John Dewey, Jean Piaget, Henry Wallon, René Zazo, Jerome Bruner, John Bowlby, Lawrence Kohlberg, Bhurrus Skinner, etc. Julgo que no futuro próximo não será muito diferente e tenho, de há muito, o sentimento de que a Psicologia, em geral, e os posicionamentos de muitos psicólogos não evoluíram significativamente embora a realidade hoje seja bastante diferente e obrigaria a abordagens mais disruptivas e inovadoras.

Acho que a visão e a atitude sobre essas temáticas deveriam alterar-se profundamente no futuro porque a investigação e a docência confrontar-se-ão com outras formas de ver e compreender a realidade em que a influência das neurociências, das nano-ciências e das tecnologias mais avançadas, designadamente, da informação e da comunicação, será de primacial importância. Esse impacto não se fará notar apenas ao nível das ciências físicas, químicas e biológicas, mas tratar-se-á de uma transformação que se irá verificar também na ciência psicológica e, em especial, na Psicologia da Educação.

No passado, a Psicologia, em geral, ficou, porventura, refém de um certo individualismo e fechada em pressupostos de uma ciência nova e com uma preocupação demasiada de experimentalismo e objetividade para se distinguir e afirmar de uma visão mais filosófica, antropológica, psicanalítica e pedagógica dos velhos mestres, em boa parte, vindos da Filosofia, da Biologia e da Medicina. Acho mesmo que vai sendo tempo de ultrapassar esse complexo e de avançar ou de abrir-se de um modo mais crítico à nova realidade sem renegar as raízes de um longo caminho já percorrido. A nova realidade, porém, nas suas diferentes dimensões física, química, biológica, psicológica, social e cultural, é cada vez mais abrangente e convergente, inter e transdisciplinar. Tudo é complexo mas a complexidade, lá no fundo e no fim, é simples. Ao nível das nano-ciências e das nano-tecnologias isso é cada vez mais evidente. As ciências do espírito nas quais se integram a Psicologia e a Psicologia da Educação estão para além das nano-ciências, pois a realidade que procuram explicar e compreender se revela imensamente mais fina, imaterial, intangível, espiritual onde a medida terá que fazer-se de uma maneira diferente, não basta elevá-la a 10, 100, 1000 ou um 10000000 de vezes na direção do imensamente pequeno. Trata-se antes de uma realidade de natureza distinta que obriga a uma outra medida, porventura, não quantificável mas simplesmente qualificável. De qualquer modo, julgo que será nessa direção que a inovação acontecerá no futuro e a Psicologia e, designadamente, a Psicologia da Educação não poderão deixar de entrar nesse comboio se quiserem estar à altura dos novos tempos.

Esse novo tempo para ser um tempo novo irá exigir rever os esquemas mentais relativamente à ciência psicológica e à educação como seu campo de incidência no âmbito da investigação e da inovação científica e tecnológica em aceleração constante e vertiginosa. As ciências sociais e humanas não são uma ilha mas deverão assumir uma dinâmica de grande relevância na intercepção entre os diferentes saberes a níveis de aprofundamento, compreensão e abrangência distintos. Será, porventura, um regressar a uma nova visão filosófica como o conjunto de todos os saberes, mas a um nível mais avançado e qualitativamente diferente questionando mais os porquês e os para quês do que os quês e os como. Para isso, os cientistas das diferentes áreas e, em especial, da área das ciências sociais e humanas terão de assumir-se sem complexos como verdadeiros amigos do saber, como filósofos que desejam explicar e compreender a realidade não apenas ao nível das nano-ciências mas para além das mesmas, na direção do imensamente pequeno, do imensamente grande e, e sobretudo, do imensamente consciente que é o seu objeto específico: os fenómenos psíquicos, a mente, a emoção, o querer. É por aí que, aos meus olhos, deverá fazer-se o diálogo inter e transdisciplinar entre as ciências físicas, biológicas, psicológicas, sociais e culturais que o novo conhecimento da realidade e sua gestão urge, exige e será a marca da ciência do futuro. Esse será também o grande desafio lançado à Psicologia e à Educação. Como acolher e realizar esse desafio? Serão precisas uma nova mentalidade e uma nova cultura cidadã, profissional, social e ética?

Sabemos que a razão e a força de qualquer realização humana depende da forma como percebemos, acolhemos e nos comprometemos com aquilo que queremos realizar pessoal, social e profissionalmente. O que acontece é que, com frequência, ficamos apenas nas boas intenções e nos aplausos fáceis. Transformar a realidade, ancorados no passado, lendo bem o presente, abertos e disponíveis para o futuro exige muito trabalho, discernimento e determinação. Abrir-se ao futuro, porém, faz-nos sair do nosso lugar de conforto e correr riscos. Um primeiro e, porventura, um grande risco a correr na Psicologia da Educação e da Psicologia em geral, será desligar-se mais dos grandes mestres, deixar-se “desmamar”. Será pensar e agir sobre as temáticas que se colocam no âmbito da Psicologia da Educação de uma forma mais distante, inovadora, disruptiva e dinâmica e não continuar a repetir uma série de rotinas estafadas e genéricas. Mais do que isso, será tentar desfazer uma espécie de individualismo larvar e, até, uma certa autossuficiência, para não dizer arrogância, que tem contagiado de certa forma alguns cientistas do âmbito da Psicologia. Diria mesmo que muitos psicólogos, com frequência, apresentam tiques de um dos grupos mais individualistas e convencidos das ciências sociais e humanas embora isso não se note tanto na Psicologia da Educação pela própria natureza mais abrangente do seu objeto e pela atitude daqueles que se têm dedicado a esta especialidade. Esta é uma constatação que me chamou a atenção ao longo do tempo, talvez, por ter vindo da Filosofia. Não obstante me ter empenhado a fundo, sobretudo, durante a minha carreira académica, em temáticas da Psicologia e, em especial, da Psicologia da Educação, especialidade em que recebi o título de Agregação por unanimidade do júri, em 1988, confesso que também senti isso. Devo ainda confessar, se me é permitido, que, em todo esse trajeto, não cheguei de fato a perder o desejo de voltar à Filosofia, lugar de questionamento e de saberes, onde julgo que a verdadeira explicação e compreensão do mundo, da vida e da consciência vão acontecendo mais autêntica e desinteressadamente. Penso que a ciência do futuro, cada vez mais, irá nesta direção como verdadeira amizade da sabedoria não apenas na sua dimensão mais abstrata, mas também concreta e aplicada de que a Psicologia certamente não será uma exceção.

A essa luz, as fronteiras entre os diferentes saberes serão muito mais ténues e flexíveis, resilientes. A inter e a transdisciplinaridade serão a matriz e as nano-ciências indicarão o caminho e os processos a seguir para explicar e compreender a realidade que continuará a esconder-se no seu próprio mistério não obstante o desejo insaciável da ciência de querer desvelá-lo e dominá-lo no momento da sua apresentação lógico-digital e algorítmica.

Sabemos, hoje, como evoluiu a Psicologia, desde o momento da sua criação, 1889, com Wilhelm Wundt, mas temos alguma dificuldade em ver como ela será em 2089, em que celebraremos o segundo centenário da sua existência como ciência autónoma em que, de certa forma, parece ter ficado deslumbrada ao longo destes mais de 100 anos. A Psicologia da Educação é bastante mais recente, mas nem por isso nos facilita a tarefa porque dependerá muito do quê, como e para quê, nessa altura, será a missão de educar o cidadão tendo em conta o progresso científico e tecnológico e a mudança que, com certeza, continuarão a acontecer de forma muito acelerada. A resposta a muitos problemas como aqueles que nos afligem e preocupam no domínio das ciências físicas, químicas, biológicas, médicas, nos nossos dias e, em especial, na situação pandémica da COVID-19 que vivemos, provavelmente apenas poderá ser dada a um nível nano-científico e nano-tecnológico em que a inteligência artificial e a robótica poderão fazer a diferença nas novas formas de intervenção, gestão e resolução de problemas que irão continuar a desafiar a própria ciência não apenas na saúde mas em muitas outras áreas do conhecimento e da vida. O mesmo acontecerá para outras muitas doenças que o ser humano irá ter que enfrentar a médio e a longo prazo. Mas a humanidade só será verdadeiramente invencível se utilizar a sua mais valia, a força da mente e da consciência cada vez mais desenvolvida, aculturada e solidária, que está para além das nano-ciências e das nano-tecnologias. Julgo que este será o grande desafio do futuro que abrirá caminho à esperança de tempos melhores para os humanos e para a natureza, não obstante os mais diversos e inesperados pesadelos que venham a ocorrer. A Psicologia da Educação, como esperamos, terá que ser uma área especial da Ciência Psicológica para ajudar a responder a esses desafios.

Oxalá, que todos aqueles que abracem este desígnio sejam corajosos e tenham a visão e o discernimento para serem inovadores e levar a bom porto esta transformação e não fiquem presos e, muito menos, a repetir os mestres, por mais ilustres e meritórios que tenham sido. Após esta experiência dramática da “enxurrada” pandémica da COVID-19 nada irá ficar na mesma. Embora não estejamos a pensar numa guerra, assim como houve um antes e um depois da Segunda Guerra Mundial também haverá um antes e um depois da COVID-19 que, como esperamos, irá ter um impacto muito grande na história da humanidade em termos de conhecimento, de ação e de comportamento.

1. **Conclusões: janelas para o futuro**

Lembrar a história do passado da Psicologia da Educação, assumi-la e reconhecê-la no presente é uma maneira séria de abrir janelas para o futuro. Mas precisamos de ser inovadores e abertos à mudança. Como referia acima e insisto, essa mudança terá que fazer-se na direção das nano-ciências e das nano-tecnologias, na abertura e interligação das ciências do espírito, da mente, da consciência, dos afetos e do querer em que a inteligência artificial e a robótica irão ter grande importância.

Referi ainda, no início desta reflexão, que não iria centrar-me no passado e no presente da Psicologia da Educação mas tentar entreabrir janelas para o futuro. Essas janelas pressupõem um novo olhar sobre a ciência psicológica que terá que reabrir-se sem complexo à um ideal mais filosófico de amor pela sabedoria sem perder de vista a grande revolução científica que irá ser feita nas ciências físicas e biológicas pela nova visão da realidade possibilitada pelas nano-ciências e nano-tecnologias. Como referia, o objeto das ciências do espírito e do comportamento estão para além do âmbito das nano-ciências mas terão que participar ativamente nessa nova abertura do conhecimento da realidade e sua gestão no sentido de melhor a explicar e compreender. Acho que este será o grande desafio do futuro que, de alguma forma, já podemos ler no presente. Por isso, as ciências mais teóricas ou aplicadas irão sofrer uma grande mudança e transformação a que a Psicologia em geral e a Psicologia da Educação, em particular, como espero, não serão alheias.

Um novo olhar que nos permita ver em extensão, em profundidade, através e para além de, será imprescindível para todos aqueles que se disponibilizarem para servir a inovação e a transformação científica e tecnológica em todos os domínios do saber. Esse olhar já aí está e continuará em desenvolvimento muito rápido e acelerado, se tudo correr bem e os grandes obstáculos não se atravessarem no caminho e deitem tudo a perder. Em todo caso, aos meus olhos, os novos tempos irão ser maravilhosos e muito gratificantes para todos aqueles que venham a ser não apenas testemunhas mas atores deste progresso científico e tecnológico imparável e insaciável.

A terminar gostaria de lembrar a última frase escrita por Fernando Pessoa “Não sei o que o amanhã trará”, mas, para dizer que eu sei que o amanhã nos trará o que formos capazes de construir no presente a partir do futuro, com tudo o que passado nos ofereceu.

1. **Questões que se me colocaram e persistem no meu espírito**

* Será que a Psicologia e, a Psicologia da Educação do futuro, irão sair do seu individualismo e da sua auto-suficiência e abrir-se mais à interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que os novos tempos urgirão e exigirão?
* Irá a Ciência Psicológica e, sobretudo, os seus atores ultrapassar um certo complexo de a Psicologia ter sido um sucedâneo das ciências filosóficas e continuar a querer afirmar-se através de um certo experimentalismo que as próprias ciências físicas e biológicas estão a abandonar à luz da nova visão da realidade que as nano-ciências estão a revelar e a exigir?
* Como irão ser os psicólogos e os psicólogos da educação do futuro, face

à nova realidade científica e tecnológica ou nano-científica e nano-tecnológica, que se está a abrir?

Resta-nos a esperança de acreditar que todos e, em particular, os psicólogos da Educação irão ser muito melhores, mais inteligentes, atentos, disponíveis, resilientes, abertos e corajosos.

1. **Referência bibliográfica**

Bairrão Ruivo, J. (1985). Introdução ao estudo de um modelo em psicologia da educação, in [FPCEUP - Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional](https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/2025),

<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/99479>

 [https://www.verywellmind.com/what-is-educational-psychology-2795157](%20https%3A//www.verywellmind.com/what-is-educational-psychology-2795157)